

Juro chega a 7%, seu menor patamar

DECISÃO DO BANCO CENTRAL foi possível porque a inflação está baixa. Nova redução pode ocorrer na próxima reunião

LEONARDO VIECELI

leonardo.vieceli@zerohora.com.br

O Comitê de Política Monetária (Copom) anunciou ontem corte de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juro. Com a 10ª redução consecutiva, já prevista por analistas do mercado financeiro, a Selic passa de 7,5% para 7% ao ano. A medida é simbólica porque leva o juro básico ao menor nível já registrado pelo Banco Central (BC), cuja série histórica começou em 1986.

Em comentário sobre o corte, definido por unanimidade, o Copom sublinha que o comportamento da inflação segue "favorável" no país. A previsão do mercado financeiro é de que feche 2017 em 3,03%. Ou seja, pouco acima do piso da meta de inflação – a marca de referência perseguida pelo BC é de 4,5%, mas pode variar entre 3% e 6%.

"O conjunto dos indicadores de atividade divulgados desde a última reunião do Copom mostra sinais compatíveis com a recuperação gradual da economia brasileira", argumenta o comitê.

Antes da reunião desta semana, o patamar mais baixo da Selic havia sido de 7,25%, registrado entre outubro de 2012 e abril de 2013. Depois, o Copom colocou em prática uma série de reajustes, que levaram a taxa a 14,25% em julho de 2015. Os cortes só foram retomados em outubro do ano passado.

– A inflação continua em baixa, e as expectativas para o futuro, controladas. A nova redução se sustenta no momento em que a economia está saindo da recessão, com fraca capacidade instalada nas fábricas – avalia o economista-chefe da Geral Investimentos, Denilson Alencastro.

BANCOS ANUNCIAM DIMINUIÇÃO NAS TAXAS PARA EMPRÉSTIMOS

Em nota, o Copom também aponta que o corte na Selic é favorecido pelas condições do ambiente externo e recomenda a necessidade de reformas pelo governo federal para que a inflação siga em baixa. Para o próximo encontro, que deverá ocorrer em fevereiro, o comunicado sinaliza "nova redução moderada" no juro básico.

"O Copom ressalta que o processo de flexibilização monetária continuará dependendo da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos, de possíveis reavaliações da estimativa da extensão do ciclo e das projeções e expectativas de inflação", diz o comunicado.

O corte na Selic, que serve de referência para o sistema bancário, busca baratear o acesso ao crédito, incentivar a produção industrial e alavancar o consumo das famílias. No sentido contrário, não traz animação para quem mantém aplicações financeiras como poupança e CDB. Como a taxa serve de referência para investimentos pessoais, a projeção é de que os rendimentos também recuem.

Um dos efeitos imediatos foi o anúncio de redução em taxas de juro de bancos. Instituições como Banco do Brasil, Bradesco, Itaú Unibanco e Santander se comprometeram a adotar a medida. A reunião do Copom foi a última de 2017. Para o próximo ano, serão oito encontros.

GAUCHAZH.



Calcule como ficam os investimentos em bit.ly/simulaselic

CORTE HISTÓRICO

Taxa Selic – em % ao ano



Como bate no bolso

ERIK FARINA

erik.farina@zerohora.com.br

Longe de ser mera estatística ou economês, a redução da taxa básica de juro (Selic) afeta em cheio o bolso de cada brasileiro. Para o bem ou para o mal. Do dinheiro tomado emprestado no banco ao juro no carnê da loja de vestuário, tudo ficará

mais barato. Já o rendimento do dinheiro aplicado no banco, em opções populares como CDBs e fundos, vai render menos. Com a redução de 7,5% para 7% ao ano, a taxa chega ao menor nível da série histórica, iniciada em 1986. Ainda que seja um valor relativamente alto em comparação com outros países, trata-se de queda expressiva em relação a pouco mais de um ano, quando estava em 14,25% ao ano.

EMPRÉSTIMO PESSOAL

A queda na taxa básica de juro afeta em cheio todas linhas de crédito. Como os bancos têm custo mais baixo para captar o dinheiro no mercado financeiro, também repassam por menos aos consumidores. Em outubro de 2016, quando a Selic estava em 14,25%, quem tomava dinheiro emprestado do banco para investir em um novo negócio ou pagar dívidas, por exemplo, encarava juro médio de 73% ao ano. Pouco mais de um ano depois, e com a Selic cortada pela metade, esse custo caiu para 64%, conforme a Associação Nacional de Executivos de Finanças (Anefac). Os juros no Brasil seguem entre os mais altos do mundo, pois, conforme os próprios bancos, a queda da Selic não é o único fator que pesa sobre a taxa: há o risco de inadimplência, os juros e a margem de lucro.

– Como o juro subiu muito nos últimos anos, em razão do desemprego e da inadimplência, ele continua em patamares muito altos. No entanto, a tendência é de que gradativamente vá caindo, conforme a economia volte a crescer e o risco de inadimplência caia – explica Miguel Ribeiro de Oliveira, vice-presidente da Anefac.

COMÉRCIO

Quem costuma pagar parcelado já está percebendo que o juro no camê tem caído. As lojas – que tomam dinheiro das financeiras pagando menos – têm cobrado percentual mais baixo no financiamento, então o consumidor depara com taxas menores do que um ano atrás. Pesquisa da Anefac mostra que o juro médio anual do comércio caiu de 98% para 90% ao longo de pouco mais de um ano. Ou seja, quem divide uma geladeira que custa R\$ 2 mil em 10 vezes, em vez de pagar parcela de R\$ 300, pagará R\$ 291. Queda semelhante ocorre no financiamento de veículos, uma das linhas mais baixas de crédito. Como o risco de calote é menor, os bancos mantêm essa taxa relativamente mais próxima à Selic do que as linhas sem garantias. – Há espaço para redução de juros em todas as frentes do comércio, da venda de automóveis a roupas e eletrodomésticos.

No caso dos imóveis, as taxas não mudam com muita frequência porque os bancos esperam sinais mais claros da economia, pois são empréstimos de longo prazo – afirma Miguel Ribeiro de Oliveira, da Anefac.

RENDIMENTO DE APLICAÇÕES

Quem se acostumou com juros gordos em aplicações financeiras nos bancos ou corretoras tem caído na real. Investimentos na chamada renda fixa, que até agora pagavam rendimento de dois dígitos, caíram praticamente pela metade em razão na queda da Selic. A lógica é que, como o juro médio do mercado despencou, essas instituições também pagam menos ao cliente. Um exemplo claro são os CDBs, populares aplicações em bancos. Em outubro de 2016, quem deixava R\$ 1 mil em um CDB que pagava DI de 90% (ou seja, entregava 90% da Selic), recebia, ao final de um ano, pouco mais de R\$ 1.100. Agora, esse valor caiu para R\$ 1.051. A mesma regra se repete ou outras aplicações de renda fixa, como Tesouro Direto e as Letras (LCI e LCA). A boa notícia é que a inflação também desabou no último ano, portanto, mesmo recebendo menos, o cliente que faz a aplicação tem conseguido bater, com folga, a alta de preços. – Quando cai a inflação e a Selic, o ganho de quem investe se mantém, pois o investidor consegue preservar o poder de compra – afirma o consultor financeiro Adriano Severo.

A MUDANÇA NOS INVESTIMENTOS

Simulação de como fica aplicação de R\$ 1 mil durante um ano (rendimento e valor total acumulado)

	SELICA 14,25%	SELICA 7%
CDB	10,52% R\$ 1.105,15	5,18% R\$ 1.051,81
LCI e LCA	12% R\$ 1.120	5,92% R\$ 1.059,22
Fundos de Renda Fixa	10,51% R\$ 1.105,10	4,53% R\$ 1.045,29
Título de Tesouro	11,27% R\$ 1.112,68	5,95% R\$ 1.059,52

Fonte: Anefac, Geral Investimentos, Fundamenta Investimentos e consultor financeiro Adriano Severo

A DIFERENÇA NOS JUROS AO CONSUMIDOR

O juro anual de empréstimos pessoais e simulação do tamanho de uma dívida de R\$ 1 mil após um ano

	SELICA 14,25%	SELICA 7%
Juro no comércio	98,05% R\$ 1.980	90,55% R\$ 1.905
Cartão de crédito	457,2% R\$ 5.572	324,34% R\$ 4.243
Cheque especial	311,43% R\$ 4.114	295,48% R\$ 3.954
Financiamento de carro	31,68% R\$ 1.316	27,27% R\$ 1.272
Empréstimo em banco	73,13% R\$ 1.731	64,59% R\$ 1.645
Empréstimo em financeira	164,12% R\$ 2.641	142,47% R\$ 2.424